

EM PLENA LUZ

TÉRCIA MONTENEGRO

Em plena luz



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2019 by Tércia Montenegro Lemos

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigência no Brasil em 2009.

Capa

Tereza Bettinardi

Foto de capa

Geraldo de Barros

Preparação

Adriane Piscitelli

Revisão

Valquíria Della Pozza

Adriana Bairrada

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Montenegro, Tércia

Em plena luz / Tércia Montenegro. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2019.

ISBN 978-85-359-3265-2

1. Ficção brasileira I. Título.

19-27903

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Aos que vivem sob o sol

Sumário

O CLARO, 9

O QUENTE, 57

O LEVE, 107

O CLARO

1.

Tanta sujeira.

Não posso me impedir de ouvir a voz dele aqui dentro, como se fosse o diabinho da memória. Criticando. Com horror à desordem.

Depois que voltei da viagem, multiplicam-se essas figuras compridas no meu quarto. E sei o que Étienne diria ao me ver com as mãos imundas de argila, o cabelo em tiras grudando no rosto. Talvez ficasse com medo, olhos arregalados como naquela vez em que parou diante da mendiga na Rue de Chaillot, uma velha escurecida, sentada em sacos de roupa. Precisei puxá-lo de lá para que caminhasse, e ainda assim ele demorou para se libertar do feitiço.

Se os físicos têm razão a respeito da constância do tempo, da nossa realização eterna em vários níveis de possibilidade, em alguma dessas faixas invisíveis permaneço lá, com ele. Ando pelo Trocadéro tentando distraí-lo, para que não siga o homem negro que cuspiu no chão nem se imponha fulminante diante do grupo de chineses que domina a calçada. Algo em mim continua às

voltas com isso, embora eu — agora em minha própria cidade — queira manter distância de léguas.

Vou continuar esculpindo até achar o poder hipnótico, a força com que os primitivos da caverna talhavam seus bisões. Quero um encantamento para dominar os animais de peçonha, tocar neles e compreendê-los. Passo as tardes escondendo a pele com substâncias gosmentas — o suor também faz parte disso. Aos poucos, os gestos se transformam num tipo de respiração, as manobras para compor as figuras são tão naturais quanto um fôlego. Então penso nos pés, no bom que seria se experimentasse modelar com eles.

A primeira tentativa fracassa; destruí com o dedão a ponta da estatueta e reduzi a uma gosma cada nervura que tinha trabalhado com a espátula. Mas gostei de me levantar bem suja, deixando marcas no piso: círculos manchados, respingos que se espalham na camiseta, nos shorts, provavelmente até nas orelhas, a julgar pelo espanto que provoco, quando atendo a campainha e abro a porta.

O jornalista fica embaraçado com meu desleixo, afinal combinamos um horário, e o tema da conversa não tem nada a ver com arte. Ele ouviu por uma amiga de um conhecido que eu estava em Paris na época dos atentados. Pretende retomar os fatos dois meses depois, com o testemunho de uma, como ele chama, “sobrevivente”. Por telefone, expliquei que no dia do massacre eu andava fora da capital francesa — portanto, não podia dizer nada além da experiência de um pesadelo longínquo, o choque e as dúvidas dentro do clima paranoico. Ele respondeu que ótimo; o objetivo era somente uma reportagem sobre quem frequentava a região e pudesse ter estado lá quando tudo aconteceu.

Eu poderia continuar argumentando contra essa proposta, mas Caio tinha uma bela voz e — agora diante de mim — olhos que sorriam apertados, enquanto eu lhe dizia que ficasse à von-

tade; precisava de cinco minutos para tomar um banho e me arrumar. Saio apressada da sala, sem o cuidado de puxar a cortina que isola o espaço do miniateliê. Dou conta do esquecimento somente quando retorno.

“Vamos a um café?”, pergunto, e Caio se vira num susto. Estava debruçado sobre algumas esculturas, e o modo como ajeita a gola da camisa passa um informe telepático. Sei que me observa agudamente, buscando me classificar. Procura um rótulo para essa mulher enfim limpa, dentro de um vestido — essa mulher que atravessa a sala para abrir de novo a porta enquanto ele hesita. Mas isso dura um segundo; Caio logo recupera a aparência profissional e me acompanha.